DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

“ENTRELINHAS, ENTRE PÁGINAS”: A MEDIAÇÃO DOCENTE NA FORMAÇÃO LEITORA

“BETWEEN THE LINES, BETWEEN THE PAGES”: THE TEACHER MEDIATION IN READER FORMATION

"ENTRE LÍNEAS, ENTRE PÁGINAS": LA MEDIACIÓN DOCENTE EN LA FORMACIÓN DE LECTORES

Elisabeth Greuel Kauva
elisabethgreuelkauva@gmail.com
Graduada em Letras
Universidade Regional de Blumenau

Lara Kristhina Eischtaedt
larakristhina67@gmail.com
Graduada em Letras
Universidade Regional de Blumenau

Thais de Souza Schlichting
tschlichting@furb.br
Doutora em Linguística
Universidade Regional de Blumenau

RESUMO

O ato de ler vai além da leitura das palavras, perpassa a leitura de mundo, acompanha a vida do ser humano, formando-o leitor. Inserido nessa temática, este artigo tem como objetivos: Investigar como o interesse pela leitura se desenvolve de forma processual, analisando o impacto da experiência literária na formação leitora, além de refletir sobre estratégias para o professor incentivar a leitura de literatura em sala de aula. Para tanto, produções textuais de relatos de memória de leitura, também chamadas de autobiografias leitoras, escritos por estudantes do Ensino Médio foram analisadas. A análise dos dados indica que a exposição precoce a livros e a mediação de figuras significativas, como professores e familiares, desempenham um papel central na formação do leitor e na ampliação de sua visão de mundo. A continuidade desse interesse parece estar profundamente relacionada às práticas vivenciadas ao longo da escolaridade, nas quais estratégias mais engajadoras e significativas podem ser decisivas para consolidar o hábito da leitura. Portanto, pode-se dizer que urge

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

mediação e escuta docente para possibilitar um ambiente mais dialógico e frutífero para o ensino e para a formação leitora.

Palavras-chave: Formação leitora. Mediação docente. Literatura e leitura.

ABSTRACT

The act of reading goes beyond reading words, passing through the world reading, and accompanies the life of the human being, transforming him into a reader. Thus, this article aims to investigate how an interest in reading develops in a procedural manner, analyzing the impact of literary experience on the development of readers, and reflect on strategies for teachers to encourage reading literature in the classroom. To this end, textual productions of reading memory reports, written by high school students were analyzed. The analysis of data shows that early exposure to books and the mediation of significant figures, such as teachers and family members, play a central role in the formation of readers and in expanding their worldview. The continuity of this interest seems to be deeply related to the practices experienced throughout schooling, in which more engaging and meaningful strategies can be decisive in consolidating the habit of reading. Hence, it can be said that mediation and listening by teachers are urgently needed to enable a more dialogical and profitable environment for teaching and reading development.

Keywords: Reading formation. Teaching mediation. Literature and Reading.

RESUMEN

El acto de leer va más allá de la lectura de palabras; abarca la lectura del mundo y acompaña la vida del ser humano, formándolo como lector. Enmarcado en esta temática, este artículo tiene como objetivos: investigar cómo el interés por la lectura se desarrolla de manera procesual, analizar el impacto de la experiencia literaria en la formación lectora y reflexionar sobre estrategias para que el docente fomente la lectura de literatura en el aula. Para ello, se analizaron producciones textuales de relatos de memoria de lectura, también llamados autobiografías lectoras, escritos por estudiantes de Enseñanza Secundaria. El análisis de los datos indica que la exposición temprana a los libros y la mediación de figuras significativas, como docentes y familiares, desempeñan un papel central en la formación del lector y en la ampliación de su visión del mundo. La continuidad de este interés parece estar profundamente relacionada con las prácticas vividas a lo largo de la escolaridad, en las que estrategias más comprometidas y significativas pueden ser decisivas para consolidar el hábito de la lectura. Por lo tanto, se puede afirmar que es urgente la

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

mediación y la escucha docente para posibilitar un ambiente más dialógico y fructífero para la enseñanza y la formación lectora.

Palabras clave: Formación lectora. Mediación docente. Literatura y lectura.

INTRODUÇÃO

> A vida não é o que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.
>
> Gabriel García Márquez

Ler, além decodificar palavras, é perceber o mundo sob diversas perspectivas. Toda leitura é uma experiência única e pessoal que nos permite relacionar a realidade à ficção, compreender o lugar de cada um na sociedade e construir representações do mundo e de nós mesmos, interpretando e decifrando o sentido das coisas. É necessário perceber, portanto, a leitura como uma prática social, presente diariamente em toda a parte, que tem diferentes características e finalidades (Brakling, 2004).

A demanda pelo domínio da linguagem e pela leitura está cada vez mais presente em nossa sociedade, seja pelas exigências do mundo do trabalho, para compreender uma notícia publicada no jornal ou para transmitir uma mensagem corretamente. Essas demandas relacionadas ao domínio da leitura estão também presentes no ambiente escolar. Brakling (2004) ressalta que uma das principais funções da escola é formar cidadãos capazes de exercerem sua cidadania e compreender criticamente a sua realidade, tornando a formação de leitores proficientes algo essencial. Da mesma forma, esse estímulo deve ocorrer também no ambiente familiar, pois, além de instigar o gosto pela leitura, ter contato com leitores no seu lar, que incentivam a leitura diariamente, faz com que essa prática se transforme

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

em hábito, algo prazeroso para a criança, influenciando esse futuro jovem na sua relação com o mundo literário.

Tendo em vista a extrema importância da leitura em nossas vivências sociais, o presente estudo retrata o processo de formação leitora, de que maneira o ser humano pode ser introduzido a esse universo da leitura, suas relações com essa prática social e sua relevância. Por meio da pesquisa realizada, buscamos abordar as experiências e memórias de leitura de estudantes do ensino médio, investigando como essa prática surgiu em suas vidas e qual é a relação deles com a literatura atualmente. Além disso, discutimos o papel dos professores nesse processo. Assim, delimita-se como objetivos deste artigo: investigar como o interesse pela leitura se desenvolve de forma processual, analisando o impacto da experiência literária na formação leitora, além de refletir sobre estratégias para o professor incentivar a leitura de literatura em sala de aula.

Para tanto, a pesquisa ancora-se em estudos a respeito da escuta, da leitura e mediação leitora, a partir dos autores Bajour (2012), Brakling (2004), Britto (2015), Candido (2014; 2023), Colomer (2007), Martins (2006), Munita (2024) e Petit (2009). A abordagem dessas obras permite a análise e a reflexão do processo de formação leitora, ajudando a compreender de que forma as memórias de leitura e a afetividade influenciam nas relações com o mundo literário, além da possibilidade de enxergar novas possibilidades de trabalhá-la em sala de aula.

A fim de alcançar o objetivo ora proposto, este texto está organizado em quatro seções: “Introdução”, em que contextualizamos a temática; “Caminhos e caminhares”, descrição de todo o processo realizado para a construção da pesquisa; “O indivíduo leitor que se constrói”, revisão bibliográfica acerca do tema estudado, juntamente com a descrição e discussão de dados, coletados por meio dos relatos dos estudantes, nos quais deveriam escrever a respeito de suas memórias de leitura, uma produção textual com perguntas guiadas, a fim de compartilhar suas vivências relacionadas à sua

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

formação leitora; e “As mil e uma possibilidades para o olhar docente”, conclusão perante os objetivos estabelecidos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CAMINHOS E CAMINHARES

É necessário sair da ilha para ver a ilha.
José Saramago

Em meio a tantas afirmações circulares a respeito das “faltas” em sala de aula e, em especial, da falta de leitura, urge sair desse caminhar redundante e ver com novos olhos o processo leitor de cada aluno, valorizando suas experiências e afetividades leitoras.

Gil (2002) afirma que as indagações a respeito de um tema é que dão origem a uma pesquisa. Dessa forma, o presente objeto de estudo e suas questões decorrem do interesse das autoras em compreender o processo de formação de um leitor e em como as prévias experiências leitoras são combustíveis para prolongar o ato na adolescência. Soma-se a isso a carência de dados sobre essa perspectiva que busca valorizar as experiências e preferências individuais de cada estudante no que diz respeito à leitura e sua formação como leitor no mundo.

Para alcançar o objetivo de problematizar o processo da formação leitora por meio das memórias de leitura, foi adotada a abordagem qualitativa, em que os dados são concebidos com um objetivo abrangente. Assim, espera-se que os participantes respondam às questões-guia de uma forma espontânea e com suas próprias palavras (Flick, 2013), de forma a possibilitar uma produção que reflita a sua subjetividade e experiência pessoal.

De acordo com Flick (2009, p. 21, grifos do autor), “em vez de partir de teorias e testá-las, são necessários ‘conceitos sensibilizantes’ para a abordagem dos contextos

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

sociais a serem estudados", ou seja, na construção da pesquisa na abordagem qualitativa, está empiricamente fundamentada e argumentada. Para isso, são necessárias reflexões e curiosidade em todo o processo de análise por parte das pesquisadoras, considerando a subjetividade e as inúmeras possibilidades de produção dos participantes.

Os dados acerca das memórias pessoais de cada aluno foram obtidos por meio de uma produção textual em sala de aula, durante um estágio do curso de Letras Português/Inglês, em duas turmas do 2º ano do ensino médio, de uma instituição de ensino público estadual, na cidade de Blumenau (SC), em que as estagiárias se apresentaram, indicaram a finalidade da pesquisa, mostraram as questões norteadoras para a produção textual, quais sejam: se o estudante possuía alguém que lia a ele - algum livro marcante lido por ele ou por alguém; o que lê atualmente; a relação que ele possui com a leitura atualmente - como os livros chegam até eles: pelas redes sociais, indicações de amigos etc.; que sensações os livros literários despertam neles; o que eles entendem por literatura e a sua relevância de aprendê-la na escola e se já leu algum livro indicado por algum professor. Antes de os alunos começarem a produção textual, as estagiárias compartilharam suas próprias memórias de leitura aos alunos oralmente.

A produção do texto de suas memórias, no qual os estudantes relatam suas vivências, experiências e processo de interação com livros, pode ser aproximado ao que Munita (2024) discute como autobiografia leitora, que tem sido um dos instrumentos centrais na formação de mediadores que trabalharão com esses leitores.

Dessa maneira, o *corpus* da pesquisa se constitui por 40 produções textuais nos segundos anos do ensino médio, dos quais 24 foram analisados neste artigo, considerando os objetivos ora propostos. O critério de seleção empregado foi pela inclusão de relatos que sintetizavam opiniões e perspectivas próximas entre si,

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

evitando, assim, a redundância de afirmações semelhantes e promovendo uma maior diversidade de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: O INDIVÍDUO LEITOR QUE SE CONSTRÓI

O início da jornada e o incentivo à leitura no ambiente familiar

> Sou viajante e navegador. Todos os dias descubro um novo continente nas profundezas de minha alma.
>
> Khalil Gibran

Desde os seus primeiros meses de vida, as crianças já fazem a leitura do mundo ao seu redor, seja reconhecendo o lugar em que vivem ou as pessoas com as quais se relacionam. Para Martins (2006, p. 33), "a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento". Aos poucos, esse pequeno indivíduo começa a expressar sentimentos e desenvolver habilidades, estando exposto à leitura diariamente, mesmo sem nem perceber.

> *"*Lembro que antes de dormir minha mãe me contava histórias, mas não era dos livros, ela mesma já tinha as histórias criadas em sua cabeça, então todo dia ela contava uma diferente para mim*"* (Estudante 1).

Os estímulos podem começar desde muito cedo, ouvindo histórias contadas pelos seus pais antes de dormir, folheando livros ou olhando as imagens e recontando as histórias do seu próprio jeito, do modo que a sua imaginação desejar, a vivência do Estudante 1 é um exemplo em que a mãe não só contava histórias antes de dormir,

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

como as inventava, sonhando o mundo ao seu lado (Petit, 2009) e, dessa forma, inicia-se o primeiro ciclo da leitura, que será desenvolvido e aprimorado com o passar do tempo – a família, então, aparece como primeira possibilidade de mediação leitora e como um contraponto ao discurso deficitário de que não se lê em casa, como os chamados mediadores não profissionais (Munita, 2024). Petit (2009, p. 61) afirma que "os textos agem em vários níveis — sejam eles lidos em voz alta ou ouvidos no segredo da solidão: através de seus conteúdos, das associações que suscitam, das discussões que promovem; mas também de suas melodias, seus ritmos, seu tempo". Nesse dançar, nessa vontade de caminhar com a história, há o seguinte relato:

> *"*Em minha infância, sempre fui ligada a Harry Potter. Nasci no ano de 2007, quando começou os lançamentos. Desde sempre, meus pais leram pequenas partes de 'Pedra filosofal' e me incentivaram a comprar o box de livros e ler cada vez mais. Em 2015 foi construída uma sala de biblioteca na minha casa, que até os dias de hoje amo a sensação de ler lá, sensação de entrar na história, como se pudesse viver o momento com os personagens*"* (Estudante 2, grifo nosso).

Os dados sinalizam que o ambiente familiar em que a criança está inserida possui central influência para seu desenvolvimento como leitor. Estar em contato com a leitura, seja por meio de livros, revistas ou gibis estimula a curiosidade e incentiva a criatividade e a imaginação. "A leitura deve dar à criança a impressão de que através dela se abrirão novos mundos diante da sua mente e sua imaginação" (Bettelheim; Zelan, 1983 apud Colomer, 2007, p.125). Além desse contato com os materiais físicos, a inclusão da leitura na rotina em família é outro fator essencial para o desenvolvimento desse hábito. Se as crianças crescem em um ambiente no qual os pais apreciam a leitura, é provável que elas mantenham o gosto pela leitura no futuro,

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

mas, se a família não se envolve, o trabalho dos professores se torna mais desafiador (Revoredo; Souza, 2010).

> "[...] um livro que eu gosto muito é "Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban". Acho o livro bem legal e a escrita é muito bom. Às vezes o livro me faz querer mudar de realidade, me prender naquele mundo e esquecer a vida real. Ser leitora é algo legal, ainda mais quando você gosta de ler, porque não fica algo que você faz por obrigação e sim porque você gosta daquilo" (Estudante 3, grifo nosso).

A leitura possibilita que os leitores assumam novas identidades ou se conectem com características sociais das personagens, de maneira independente da realidade que vivem fora do contexto literário. Esse processo de identificação com um universo ou personagem específico oferece ao leitor a chance de escapar de sua própria realidade. A imersão profunda na leitura pode, assim, servir como uma forma de relaxamento e desconexão da rotina cotidiana. Além de criar essa "realidade paralela", a leitura também desperta motivação, interesse e promove a aprendizagem, um cenário ideal para muitos professores em sala de aula. Dessa forma, pode-se afirmar que a aprendizagem está intimamente ligada às questões identitárias do sujeito, uma vez que o leitor, ao se ver refletido na leitura, engaja-se de forma mais significativa. No entanto, é fundamental repensar o conceito de literatura no contexto escolar, ressignificando seu papel e propósito na formação do aluno.

Candido (2023), ao refletir sobre o que é a literatura e como ela faz parte de um mundo social, político e histórico, categoriza três funções da literatura: a primeira, interna - o texto pelo texto, assim, a obra literária é autônoma, existe por conta própria com sua estrutura e significado; a segunda, intermediária - a obra literária é uma forma de expressão em que há manifesto de emoções, visão de mundo, seja do indivíduo ou de um grupo, assim, a obra de arte não será neutra, pois sempre expressará uma

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

perspectiva; e terceira, externa - em que se tem o texto literário como uma forma de conhecimento, em que se aprende coisas enquanto está lendo - tanto em questão de conteúdo quanto a de observar outras perspectivas de analisar o mundo, inclusive de forma difusa e inconsciente.

Levando isso em consideração, ambos os estudantes 2 e 3, ao afirmarem, respectivamente, “amo a sensação de ler lá, sensação de entrar na história, como se pudesse viver o momento com os personagens” e *“*o livro me faz querer mudar de realidade, me prender naquele mundo e esquecer a vida real*”,* veem a literatura como uma fonte de emoções, sensações e, por conseguinte, a fantasia como uma fuga da realidade. Ler se torna uma espécie de encontro, possivelmente o reencontro do eco longínquo da infância, um apoio, uma presença para seguir em meio às adversidades (Petit, 2009).

Grande parte das memórias de leitura são construídas pelos prazerosos momentos de leitura no ambiente familiar, estabelecendo laços afetivos jamais esquecidos, sendo parte essencial da relação que a criança irá construir com o mundo literário em sua vida. Muitos jovens, quando questionados sobre as lembranças relacionadas ao início da jornada literária, enfatizam a família como principal responsável pela sua formação como leitor e sua relação com o universo da leitura. Assim, essa primeira agência tem um papel fundamental no processo de formação leitora, mas que não é o único meio no qual se forma o leitor. A respeito de outra importante esfera de formação leitora, a escola, discorremos a seguir.

A leitura no contexto escolar

Além do contexto familiar, conforme já indicado, temos também um outro ambiente fundamental para a formação leitora: a escola. Esse espaço social e cultural

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

é visto como grande responsável pela construção de leitores proficientes, pois é onde atuam os mediadores profissionais (Munita, 2024), como professores, bibliotecários e gestores. A escola, como formadora de cidadãos críticos, deve incentivar a leitura e trabalhá-la de uma forma que os alunos se sintam bem e faça com que essa atividade seja dinâmica, fazendo com que eles ampliem o gosto pela leitura (Colomer, 2007). Dois estudantes relembram práticas que vivenciaram:

> "Quando eu estava no fundamental, minha turma costumava ter aulas semanais na biblioteca, e são as memórias mais antigas que eu tenho. Lembro que a professora lia com tanta vontade, paixão que me deixava com vontade de ler também" (Estudante 4).

> "Lembro que meu professor da 5ª série lia livros de terror pra turma toda quinta-feira, me despertava muita curiosidade em saber qual seria o final da história e o decorrer dela" (Estudante 5).

Emerge a importância da escola como formadora de leitores, uma vez que, durante o ensino fundamental, ocorrem idas à biblioteca, seja em momentos guiados por um bibliotecário ou pela professora de sala, assim, a biblioteca, como espaço, se torna fundamental na formação do leitor (Teixeira, 2023). Sob orientação de mediadores profissionais (Munita, 2024), esse espaço contribui para a formação de leitores que não apenas compreendem o conteúdo, mas desenvolvem uma relação reflexiva e duradoura com a literatura.

Muitos alunos não têm acesso a livros em casa e, com isso, não são estimulados a ler no ambiente familiar, não possuindo referência de leitor. Por esse motivo, a atuação do professor é fundamental, atuando como mediador principal nesse processo de formação leitora (Colomer, 2007), servindo de inspiração e até

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

mesmo influência ao compartilhar as próprias leituras ou realizar indicações aos seus alunos de acordo com o gosto e interesse deles, como revela o estudante 6:

> "[...] Atualmente, eu gosto muito do nicho da filosofia da leitura. Meu livro favorito é A Metamorfose, de Franz Kafka, que também é meu autor favorito. Me interessa muito como o Kafka se expressa e suas metáforas para isso. Um livro que li por indicação de um professor foi "O Processo", de Kafka também" (Estudante 6, grifo nosso).

Fica clara a atuação do professor em seu outro tipo de processo de escuta: o de observar e se interessar pelo que o aluno gosta, pelo que ele carrega de bagagem já experienciada e, assim, poder indicar livros que serão significativos a ele. Bajour (2012) enfatiza esta necessidade de entender o universo que é cada aluno, de forma que a escuta ativa permita que o professor identifique leituras que ressoem nos estudantes, transgredindo a formalidade escolar tradicional.

Mas há casos de o aluno apreciar os livros e leitura e, quando o professor indica obras, estas não lhe chamaram a atenção, como é o caso a seguir, afinal, não basta apenas indicar, é preciso mediar o encontro leitor:

> "Eu gosto de ler, não leio muito por falta de tempo. [...] Gosto de livros, pois neles você consegue visualizar as coisas e sentir a emoção que o personagem quer transmitir. Acho importante ter a literatura na escola, pois com ela os alunos podem ter acesso a esse mundo. Nunca li livros que o professor indicou, pois não lembro os nomes" (Estudante 7).

Possivelmente, há, em casos semelhantes a esse, a falta de engajamento sobre o livro ou texto apresentado, pois mediar o tal encontro do leitor e o seu texto, significa construir uma relação autêntica com o texto de forma a explorar sentimentos e interpretações (Bajour, 2012).

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

O estudante 8 afirma que “Meus pais não liam livros, por isso que não leio. Me dá náusea e sono. Mas vejo os *outdoors* e leio às vezes” e, o estudante 9, que construiu sua produção por meio de sentenças não necessariamente organizadas em texto, a respeito de ter lido alguma obra indicada por professores, escreve: “Já indicaram, mas nunca li, pois nunca tive interesse”. Em uma reflexão sobre o relato do estudante 8, mobilizamos os estudos de Colomer (2007), que afirma que a formação de leitores é um processo coletivo e mediado e que depende do contato com práticas culturais que promovam o sentido e o valor da leitura, portanto, a ausência de um modelo leitor em casa reforça a ideia de que cabe à escola assumir um papel central na democratização da leitura. Papel este que precisa refletir e refratar em ações do leitor, diferente do que acontece com o estudante 9, segundo seus próprios dizeres. Além disso, ao mencionar a leitura de outdoors, aponta para um deslocamento do que se entende por leitura, o que pode abrir caminhos para explorar outras práticas letradas. Já o estudante 10 escreve em forma de tópicos enumerados:

> “Desde pequeno não gostava de livros.
> Não leio.
> Não há livros que gosto.
> Não li nenhum, porque não lembrava os nomes e eu não gosto de ler”.

O desinteresse pela leitura ocorre, na maioria das vezes, por experiências ruins que os estudantes vivenciam, visto que “muitos alunos encaram a leitura como tarefa árdua e maçante, contribuindo, assim, para que parte desses alunos tenham verdadeira repulsa quando o assunto é leitura” (Oliveira, 2018, p. 8). Ser forçado a ler algo que não é de seu interesse, apenas para alguma exigência de avaliação, é frustrante, não despertando, assim, o prazer no momento da leitura, mas, pelo contrário, criando um sentimento de aversão, surgido pelo fato de a escola ainda cultivar “uma visão tradicional da literatura, considerada como um conjunto de textos a

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

ser admirado, e caracterizada por um 'bom estilo', digno de ser imitado pelos alunos" (Martins, 2006, p. 85). A leitura começa a se tornar algo imposto, forçado, não refletindo na construção de sentido na vida do aluno. O que antes poderia ser um hábito, um momento de lazer e diversão, transforma-se em algo entediante e sem relevância em sua vida e, no caso do estudante 10, pode nem se transformar se nunca tiver sido ou tido um contato prazeroso.

A forma como o professor trabalha a leitura em sala de aula pode, também, influenciar significativamente o interesse do aluno por esse universo. A seleção dos textos é parte fundamental da prática de leitura com os estudantes, como relata uma estudante a respeito de um livro que a marcou muito:

> "Quando eu era do 1º/2º ano, todas as quintas, minha turma ia para a biblioteca. E a bibliotecária leu um livro tão legal que quando cheguei em casa, pedi para meu pai comprar o mesmo livro. Ele comprou, e na quinta-feira seguida, fomos novamente para a biblioteca. No final, mostrei para a bibliotecária que tinha um livro igual ao dela. Ela me levou para ler para o terceiro ano, porque viu que eu realmente entendi e gostei da história" (Estudante 11).

Para Bajour (2012, p. 52), "o momento da seleção de textos sempre supõe a consideração, de modo mais ou menos categórico, de representações, teorias e problemas acerca da literatura, da leitura e dos leitores". Quando o docente faz essa escolha, ele deve ter em mente seu propósito, as potencialidades que o livro escolhido traz e de que maneira ele poderá explorá-las para que haja um bom aproveitamento, conseguindo alcançar seu objetivo final, o que Munita (2024) aponta como conhecimento do *corpus* e sobre o *corpus*. Assim, o processo de escolha implica perceber a obra não só como um produto cultural, mas também como uma ferramenta de desenvolvimento humano, que pode promover diferentes interpretações e

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

reflexões. Cada livro traz consigo não apenas uma história, mas a possibilidade de abrir portas para questões de identidade, valores, e visões de mundo, de forma a alinhar-se às necessidades e interesses dos leitores-alunos.

Dentro da grande agência de leitura que é a escola, a biblioteca escolar também carrega uma enorme importância no que diz respeito ao acesso à informação, ao conhecimento, complementando o processo de ensino e aprendizagem, além da função de intercâmbio cultural e possibilidade de recreação e lazer (Santos; Almeida, 2021). Entretanto, acaba por se tornar um incômodo velado às próprias escolas, quando essas a possuem, tida por vezes como um depósito de livros e um lugar para onde são designados os professores readaptados, os quais, na maioria das vezes, não possuem familiaridade nem mesmo formação na área, assim, nem sempre sabendo como melhor auxiliar os professores e alunos quando esses esporadicamente a frequentam (Nunes; Santos, 2020; Munita, 2024).

Os profissionais formados na área raramente estão presentes nas bibliotecas escolares, pois sua função é frequentemente vista apenas como a de organizadores e identificadores de livros e materiais. Isso leva à percepção equivocada de que não é necessária uma formação específica em biblioteconomia para realizar essas tarefas (Santos; Almeida, 2021) ou que esta formação seja suficiente ao ambiente escolar, o que também não é o caso (Munita, 2024). O seu papel é muito mais amplo, como apontado por Nunes e Santos (2020), pois envolve apoio pedagógico em atividades de incentivo, promoção e mediação de leitura juntamente com o professor, principalmente no que diz respeito às aulas de língua portuguesa.

> “Quando eu comecei a frequentar a escola e comecei a pegar livros na biblioteca, eu amava ler sobre histórias não muito dentro do comum. Eu amava “diário de um banana” e o “diário de uma garota nada popular”, eu sempre pegava esse livro e lia e relia” (Estudante 12).

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

O estudante 12, assim como os estudantes 5 e 11, menciona momentos marcantes vivenciados dentro de um espaço chamado biblioteca escolar. É disto que se trata: um espaço em potencial para que os alunos exercitem ali a imaginação e possam descobrir leituras novas – se descobrir como leitores e indivíduos. Isso significa que a ação na biblioteca não se resume à ida quinzenal ou mensal, mas, sim, de verdadeiras ações e projetos que possam tornar da leitura um ato necessário, básico e natural (Santil, 2023).

O aluno deveria ter facilidade em transitar nesse espaço, uma vez que é um ambiente que promove trabalho para pesquisas, facilita o acesso à informação e estimula o prazer da leitura, podendo desenvolver hábitos que levem à autonomia e gosto pela aprendizagem, quando mediados pelo professor. Dessa forma, os docentes também devem perceber a necessidade de se ocuparem não somente do ensino dos conteúdos curriculares, mas, também, de ampliarem o repertório cultural e promoverem a educação estética dos alunos por meio da literatura no contexto da biblioteca escolar (Scheffer; Oliveira, 2017).

A seção seguinte será explorada com foco no professor de português em sala de aula, a seleção de textos e seu trabalho como mediador de forma a favorecer a formação leitora, de forma a refletir mais especificamente sobre a diferença de abordagem no texto literário: o seu ensino e a sua leitura.

O ENSINO E A LEITURA DE LITERATURA NA ESCOLA

> Não lemos e escrevemos poesia porque é bonitinho. Lemos e escrevemos poesia porque fazemos parte da raça humana. E a raça humana está impregnada de paixão. Medicina, Direito, Administração, Engenharia, são atividades nobres, necessárias à

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

> vida. Mas a poesia, a beleza, o romance, o amor, são as coisas pelas quais vale a pena viver.
>
> John Keating (Robin Williams), Sociedade dos Poetas Mortos.

Antes mesmo de estar graduado, é comum o professor de língua portuguesa se questionar como trabalhará a leitura e o ensino de literatura em sala de aula e, por falta de conhecer as novas perspectivas e possibilidades, acaba caindo na banal e habitual forma de ensino que trata o texto literário como algo mítico, sagrado e perfeito que deve ser apreciado e imitado ou, pior, quando serve de pretexto para o ensino de gramática ou a leitura de trechos literários isolados, que buscam apenas corroborar com as características do período histórico em que fora escrito (Martins, 2006).

Em sua produção, o estudante 13, quanto à indagação da relevância de aprender literatura na escola, afirma que: "*incentiva a imaginação e ensino gramatical*", a última parte a qual ressalta a abordagem docente acerca da literatura como análise gramatical, que inevitavelmente afasta o aluno do texto, uma vez que não lhe atribuirá sentidos próprios. É nessa abordagem tradicional que o professor aumenta ainda mais a distância entre o aluno e o texto literário na escola.

Pensando nisso, Martins (2006), com base em estudiosos como Beach e Marshall (1991), cita a importância de o professor saber distinguir a diferença entre a leitura de literatura e o ensino de literatura, em que a primeira diz respeito tanto à compreensão quanto à experiência vivenciada pelo leitor no ato de ler o texto literário e a segunda diz respeito ao estudo da obra em relação à sua organização estética; mas que, apesar de estarem interligados, são desassociados na escola, e acaba dando privilégio ao ensino de literatura e às obras clássicas.

No relato da estudante 14, que narra a sua memória em terceira pessoa, lemos a seguinte afirmação

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

> "Geralmente, ela pegava livros na biblioteca da escola, mas depois começou a comprá-los e agora tem uma estante cheia de livros em casa. Ela acha a literatura algo essencial para todos e acha que todos deveriam sentir o sentimento que só os livros nos proporcionam. E na escola deveria ter uma aula de literatura. Os professores já indicaram a ela livros de direito também, pois o sonho dela é ser advogada, mas ela está se decidindo ainda" (Estudante 14).

A afirmação de desejar "*ter uma aula de literatura*" chama a atenção, afinal, teoricamente e de acordo com os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018), ela está presente nas aulas de língua portuguesa. Independentemente se a estudante se refere ao fato da necessidade de mais aulas para leitura ou para o ensino de literatura, surge uma necessidade de reflexão a respeito de como o professor em sala aborda a leitura e o ensino de literatura em sala de aula.

Seja por meio de trechos, recortes ou adaptações, o texto literário frequentemente se torna objeto de uma análise superficial em práticas que não aprofundam o estudo do seu conteúdo e contexto, sendo "tratado de modo isolado, como uma espécie de expressão artística que por si só já carrega significação própria e independente da atualização aluno-leitor" (Martins, 2006, p.85). Soma-se o fato de, muitas vezes, apresentar interpretações prontas de textos, evitando-se, assim, a participação ativa do aluno nessa construção de sentidos e significados.

No ensino médio, as obras costumam ser vistas por uma perspectiva historiográfica e a preocupação está em classificar tais livros de acordo com suas características estilísticas e com a sua respectiva corrente literária. Assim, raros são os momentos reservados para que seja feita uma leitura e análise estética da obra, em que o estudante poderia encontrar um novo mundo a ser descoberto e percebido.

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

Afinal, o texto literário é plural e sua concepção se dá, na maioria das vezes, por motivações políticas, históricas e sociais, em que há necessidade de leituras mais atentas (Martins, 2006), afirmação que vai ao encontro da visão do crítico literário Antonio Candido, para quem a literatura, por ser produto do mundo, é um produto social, político e histórico.

Dessa maneira, esquecemos que literatura é uma arte, por permitir uma experiência estética e, como qualquer arte, é necessário apreciá-la. Candido (2023) defende o acesso à literatura como um direito humano básico, tal como direito à moradia, à educação etc., pelo seu papel humanizador, tornando o ser humano mais compreensível e aberto à natureza, à sociedade e ao seu semelhante.

Nesse sentido, uma estudante do segundo ano do ensino médio narra em suas memórias:

> “Meu professor me indicou um livro que falava sobre a vida das pessoas atualmente, tinha algumas poesias, conselhos e isso me ajudou muito a pensar sobre meu futuro, seja na minha vida familiar como na profissional [...] Ele é o Bráulio Bessa, o melhor livro que ele já fez é o ‘Poesias que transformam’” (Estudante 15).

Assim, a estudante está de acordo com a afirmação do crítico literário de que toda obra atua formando no conjunto uma massa de significados que influencia em nosso conhecimento e sentimentos: a literatura enriquece, pois ajuda a ver a vida de alguma maneira.

Nas palavras de Candido (2014, 3’15”), “é uma brutalidade social fazer com que uma pessoa cresça e viva sem a capacidade de ler Machado de Assis ou ler Dostoievski, é uma privação”. Com isso, o sociólogo e crítico literário não quer dizer que este ou aquele autor seja melhor que um terceiro de interesse do aluno, mas sim no sentido de que é necessário dar todo o suporte e instrumentos necessários ao

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

indivíduo para que quando surja desejo ou necessidade de lê-los, ele saiba como percorrer o texto. Esse tipo de leitura tem o poder de provocar no leitor uma visão crítica do mundo, pois, ao entrar em contato com narrativas que questionam e revelam as contradições humanas, o leitor se vê levado a ponderar suas próprias concepções e realidades. A literatura, portanto, torna-se um espelho de experiências humanas universais, e o leitor que consegue "percorrer" esses textos pode encontrar neles não apenas entretenimento, mas também uma oportunidade de crescimento intelectual e emocional, permitindo ao indivíduo uma maior autonomia para interpretar o mundo de maneira mais consciente, construindo suas próprias opiniões.

Uma vez sendo um direito, por que insistimos em negar o acesso pleno a ela aos nossos estudantes? O professor precisa sair deste pedestal e assumir uma nova postura em sala de aula perante a leitura e ensino de literatura. Urge assumir uma postura de mediador, reconhecendo que a leitura é um ato dialógico e que a sala é um ambiente de escuta, em que o educador busca conhecer o que interessa aos alunos e, a partir disso, trazer temas para leitura e fazer correlação com outras obras, para que seja percebida as variadas possibilidades do conhecer, sentir e viver em outros textos (Martins, 2006).

No momento da leitura de tais textos, a mediação é parte principal, em que o professor, que possui tanto leitura prévia quanto saberes linguísticos e conhecimentos de dados contextuais, ajuda a elaborar juntamente com os alunos uma interpretação para o que se está lendo, sem desconsiderar as percepções subjetivas de cada um, mas, sim, ajudar a reconstruí-las (Beach; Marshall, 1991, p.39 apud Martins, 2006, p.85). A forma que o docente aborda e trabalha esses textos e livros é que marcará o leitor para o futuro, ou seja, a experiência que ele tem ao ler sobre ou ler o próprio livro é que determinará a forma que se relacionará futuramente com a leitura. “A literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

na vida; é preciso prestar atenção" (Petit, 2009, p. 292), assim, é necessário que o professor em sala saiba dar voz, ouvir e prestar atenção à diversidade de movimentos.

Portanto, a mediação docente desempenha um papel fundamental na formação do leitor, em um processo que envolve dar voz e vez, escutar e valorizar as diferentes percepções. Essa relação, que começa, muitas vezes, com as primeiras experiências de leitura e é marcada por memórias significativas, é explorada na próxima seção, com foco no percurso formativo do leitor e nas memórias literárias que moldam sua jornada.

O LEITOR E A SUA RELAÇÃO COM A LEITURA

> É difícil separar a ficção da invenção, a fantasia da memória. Não há uma linha separando o que você viu do que você sonhou. A imaginação ocupa o espaço da memória.
>
> Lygia Fagundes Telles

Refletir acerca das memórias de leitura faz com que recordemos os nossos primeiros passos para adentrar esse universo mágico da leitura. É uma forma de pensar o quê ou quem nos apresentou para esse mundo e nos fez iniciar a nossa jornada literária: seja uma contação antes de dormir, um livro que tenhamos lido diversas vezes e se tornou nosso favorito ou alguma aula divertida na biblioteca da escola. Assim, pensar no seu processo de formação leitor é apresentar uma construção ao longo do tempo, sua autobiografia leitora (Munita, 2014).

Estudantes do segundo ano do ensino médio relatam que

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

> “Os livros me despertam muitas emoções e sensações diferentes, mas a principal é a curiosidade de como vai acabar a história” (Estudante 16).

> “[...] os livros são como um conforto e me lembro desses momentos valiosos onde a gente não corria contra o tempo, mas sim desfrutava de uma leitura” (Estudante 17).

Novamente, o espaço de leitura de um livro é retratado como uma fuga da realidade, um momento de conforto, deleite e curiosidade pelo espaço percorrido psiquicamente pelo leitor, como apontado por Petit (2009, p.69), em que a “literatura é uma oferta de espaço. As palavras não cansam de revelar paisagens, passagens[...], é talvez um espaço que é encontrado nas palavras lidas de modo vital”.

Naxara e Ferreira (2017) observam que alguns estudiosos da educação, como Piaget, Vygotsky e Wallon se ocuparam em relacionar a educação com os sentimentos: para Piaget, há uma valorização do termo afetividade, em vez de emoção, e diz que ela influencia positiva ou negativamente os processos de aprendizagem, acelerando ou atrasando o desenvolvimento intelectual; Vygotsky compreende que, para a ocorrência do funcionamento cognitivo (razão ou inteligência), é preciso entender o aspecto emocional; e Wallon mostra que os acontecimentos à nossa volta estimulam tanto os movimentos do corpo quanto a atividade mental, interferindo no desenvolvimento.

A neurociência afirma que as conexões emocionais positivas são extremamente importantes para a aprendizagem. Vasconcellos e Albrecht (2022) ressaltam que a memória é grande influenciadora dos processos emocionais e cognitivos, sendo talvez o processo mais importante para a aprendizagem. Por isso, as vivências experienciadas durante a infância são essenciais para definir a relação que o leitor formado terá com a leitura no seu futuro. O incentivo à leitura desde a

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

infância favorece a internalização desse hábito, de forma a aumentar a probabilidade de que ele se consolide ao longo da vida.

Como mostram Vasconcellos e Albrecht (2022), as emoções desempenham um papel facilitador no processo de ensino e aprendizagem, tendo a literatura o poder de fazer com que o leitor se distancie do mundo real e viaje pelo universo da imaginação. É por meio dela que refletimos e enxergamos o mundo com uma nova visão, com um senso mais crítico e aberto a novas possibilidades. Para os jovens, isso a torna ainda mais importante, pois esta é a fase das descobertas, do autoconhecimento, da identidade e construção de si mesmo. Dessa maneira, encontramos as seguintes afirmações nos relatos de memórias de três estudantes:

> “Eu gosto de ler livros sobre independência financeira, sempre tive interesse nesses assuntos [...]” (Estudante 18).

> “[...] A literatura, para mim, é uma manifestação artística. É importante aprender, pois formamos opiniões, críticas e refletimos sobre a nossa realidade” (Estudante 19).

> “Tenho poucas memórias de leitura. Mas quando eu era criança, li todos os “Diários de um banana”, e amava. Atualmente leio apenas livros de filosofia e sociologia. Ler, para mim, é simplesmente uma forma de adquirir conhecimento. Comecei a ler livros de sociologia e filosofia por conta de professores dos quais eu discordava” (Estudante 20).

Ao afirmarem seus interesses de leitura, além da sua visão pessoal acerca dela, vão ao encontro da terceira função da literatura, uma arte, que, de acordo com Candido (2023), serve como uma forma de obter conhecimento, de conhecer outras

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

perspectivas, de uma forma que seja organizada na psiquê[1] por meio dos sentimentos e percepções pessoais enquanto se lê. Esse processo permite que o leitor organize, compreenda e dê significado ao mundo que vivencia por si próprio, de forma que a leitura contribua para com o seu desenvolvimento crítico, cognitivo e emocional.

A leitura desperta diversas sensações e emoções em quem está lendo, sejam lágrimas durante a leitura de um romance ou arrepios enquanto lê algum livro de mistério e, quanto à variedade da leitura dos jovens participantes, destacam-se distopias, romances, suspenses e quadrinhos.

> "Atualmente leio livros de terror, suspense, distopia. Gosto da saga de *Maze Runner*, *Pride and Prejudice* nos livros de Franz Kafka, e da saga de Jogos Vorazes [...]" (Estudante 21).

> "Atualmente, eu leio bastante livro de romance e suspense. Meu livro favorito é o homem de giz. Eu descobri esse livro enquanto eu andava por uma livraria" (Estudante 22).

> "Atualmente, leio somente notícias. Tanto de acontecimentos gerais quanto notícias dos *e-sports*. Gosto de livros, estilo mangá. Gosto deles porque eles têm uma leitura mais dinâmica" (Estudante 23).

É importante ressaltar que, de acordo com Britto (2015), o leitor não é somente aquele que lê o cânone literário ou que lê uma grande quantidade de livros com mais de duzentas páginas por ano, mas, antes de tudo, leitor é aquele que utiliza da leitura para interagir com o mundo e consigo mesmo. Assim, é possível enxergar a pluralidade leitora em sala de aula, a exemplo do estudante 21: há uma busca literária

[1] Refere-se à mente: de forma que ali ocorre o processo de formação e estruturação das emoções e da subjetividade por meio da leitura (cf. Candido, 2023; Petit, 2009).

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

tanto pela profundidade reflexiva quanto por narrativas envolventes e contemporâneas. Já o estudante 23 mostra-nos uma leitura de interesses cotidianos culturais e digitais, expondo, assim, que a leitura escolhida dialoga com o interesse particular de cada um e ao seu contexto.

O desencadear de emoções perante os diversos gêneros e títulos é relativo ao grau de envolvimento do leitor com a história do livro, relacionando a trama à sua própria vida, se enxergando nela, de um modo como se ele mesmo estivesse vivenciando aquela experiência. E, quando apenas sentir não basta, é comum que o leitor decida fazer a sua própria arte; contar sua(s) própria(s) história(s):

> "Quando eu era pequena, minha mãe costumava ler para mim todas as noites. Eu gostava de acompanhar a leitura dela e tinha vezes que durante as tardes, eu lia sozinha. Minha mãe me ensinou a ler e escrever, isso acendeu uma 'chama' de curiosidade por livros dentro de mim. No fundamental, minha matéria favorita era português e eu adorava os momentos que minha turma ia para a biblioteca, até tinha vezes que eu passava todo o meu tempo do intervalo por lá. Agora que estou no ensino médio, minha paixão por livros só cresceu. Então me arrisquei a escrever alguns livros online sobre romance. No momento, minha maior obra contém o resultado de 20 mil leitores. Sou grata por tudo que conquistei!" (estudante 24, grifo nosso).

Leitores, assim, por vezes, viram escritores. Sentem necessidade de criar histórias para muitos outros acompanharem e terem as mesmas sensações durante a leitura, por conhecerem os mecanismos e assuntos de comum interesse e, então, partilhar a experiência. A afirmação, trecho destacado no relato do Estudante 22, vai ao encontro da fala de Candido (2023), que afirma que o ser humano tem uma necessidade de fabulação, como um complemento da vida:

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

> Assim como todo sonho todas as noites, ninguém é capaz de passar as 24 horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura, durante o sono, a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós. Analfabeto ou erudito? Como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (Candido, 2023, p.189).

Levando isso tudo em consideração, é possível perceber, com o trecho a seguir que, mesmo que a estudante não indique em palavras no seu relato, a pretensão à escrita, a esse desejo latente por narrar histórias:

> “Havia uma bela menina que esperava todas as noites para sua mãe ler o livro que ela tanto amava, o nome do livro era “Adão e Eva”. Ela achava esse livro tão incrível que acabou o decorando. Com o passar do tempo, ela começou a ler outros livros, como “Diário de uma garota nada popular” ou Diário de um Banana. Atualmente, ela gosta muito de poesias e livros, de histórias românticas engraçadas. Quando ela lê, se sente em outro mundo e a pessoa mais incrível que existe. Cada experiência nova lendo, era uma emoção diferente. Ela chorava lendo livros tristes e ficava pra baixo o dia todo até ler outro. Geralmente, ela pegava livros na biblioteca da escola, mas depois começou a comprá-los e agora tem uma estante cheia de livros em casa. Ela acha a literatura algo essencial para todos e acha que todos deveriam sentir o sentimento que só os livros nos proporcionam. E na escola deveria ter uma aula de literatura. Os professores já

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

> indicaram a ela livros de direito também, pois o sonho dela é ser advogada, mas ela está se decidindo ainda. O mundo dos livros, todos deveriam conhecer. Essa menina, sou eu" (Estudante 14).

Nesse caso, a estudante escolhe relatar suas memórias em terceira pessoa do discurso, assim, busca se enxergar e mostrar ao mundo como é vista exteriormente.

> E sob a proteção das palavras de um outro, da sintaxe de um outro, até da paginação de um outro, que o sujeito que escreve se constrói, mimetizando com aplicação alguém mais autorizado que ele, emprestando desse outro seu virtuosismo, mas também sua legitimidade (Marie-Claude Penloup, 2000 apud Petit, 2009, p. 221).

Ao ler, experienciar e viver, torna-se narradora de sua própria vida; escritora de sua própria história. A leitura permite que ele explore novas perspectivas e construa significados para as experiências pessoais, conferindo um senso de autonomia e pertencimento ao mundo. Como afirma Petit (2009), a literatura possibilita ao leitor transitar entre mundos diversos, enriquecendo sua visão de mundo e favorecendo a construção de uma identidade própria. Assim, o sujeito torna-se protagonista ativo em sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS MIL E UMA POSSIBILIDADES PARA O OLHAR DOCENTE

> Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta, continuarei a escrever.
>
> Clarice Lispector

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

Há algo que é necessário (re)considerar: há pluralidade em leitura(s) e experiências leitoras, não é passível que se afirme, erroneamente, que vivemos em uma nação não leitora. Lê-se diversificadamente: de mensagens e placas cotidianas a clássicos como Franz Kafka. Ter a perspectiva de que, sim, “lemos”, não é afirmar que não é preciso fazer mais nada e aceitar as coisas como estão, mas sim ver com novos olhares e buscar novos meios e possibilidades para ler e ensinar literatura em sala de aula, além, é claro, da promoção de leitura. Uma necessidade de reconhecer a família e a escola como principais responsáveis e possibilitadoras pela formação e continuidade leitora de um indivíduo.

O docente precisa reconhecer seu papel como agente de transformação social, cultivando um olhar mais reflexivo sobre sua prática e propondo mudanças que tornem o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula mais significativo e relevante (Barbosa et al., 2023). Assim, também, a mediação docente é de extrema importância para a formação leitora, pois o professor, assumindo essa postura de mediador, cria pontes entre os livros e os leitores, criando condições necessárias para que o livro e o aluno-leitor se encontrem, uma vez que o professor é quem possui acesso primário aos textos e conhecimentos dos fenômenos linguísticos. Há a necessidade da escuta, tanto pelo ponto de considerar o que o aluno compreende acerca de leituras feitas e percepções a respeito do texto, quanto à “escuta humana”, a qual refere-se a enxergar o(s) aluno(s) plural(is) em gostos, interesses e objetivos em suas leituras pessoais.

Urge que o professor busque permitir que o seu estudante expanda o seu repertório leitor, portanto, artístico-cultural, sem pender para um julgamento arbitrário, prepotente ou discriminatório, para que, assim, possa saber como acessar, explorar e compreender outros textos que não os habituais, que possa procurar outras fontes de conhecimento enquanto experiencia e vive por meio da palavra. É necessário que se relacione o amplo mundo com o mundo particular do indivíduo, ligá-los para que haja diálogo e, assim, possibilidades maiores em se tornar um indivíduo pleno e exercer

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

sua cidadania. É necessário que o docente ouça e preste atenção em seus estudantes, dessa maneira, enriquece-se o processo de ensino e leitura da literatura, pois caminha por uma abordagem mais personalizada e relevante para o aluno, promovendo, assim, uma aprendizagem mais profunda e significativa.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à “Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), Edital 20/2024” por bolsa de pós-doutorado à terceira autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARBOSA, Suzana de Jesus Almeida Calvet; NASCIMENTO, Franc-Lane Sousa Carvalho do; SILVA, Nadja Fonseca da. Formação de professores crítico-reflexivos: contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 13, n. 31, p. 338-365, 2023. Disponível em: https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2220 Acesso em: 2 nov., 2024

BRAKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitores de quê? Leitores para quê? In: BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023, p. 183-208.

CANDIDO, Antônio. Antonio Candido – **Direito à Literatura**. CEDACVIDEOS. Entrevista com Antonio Candido, 3’15’’. Abril de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4cpNuVWQ44E. Acesso em: 25 mai., 2024.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 83-102.

NAXARA, Kelly; FERREIRA, Victor Silva. Implicações da neurociência na educação. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, v. 1, n. 1, p. 279-291, mar./jun. 2017.

NUNES, Martha Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, p. 3-28, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/24116 Acesso em: 20 mai., 2024.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores**. São Paulo: Selo Emília, 2024.

OLIVEIRA, I. **Pesquisa em educação [recurso eletrônico]: formação de leitores no foco das questões.** Teresina: IFPI, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/379601174 Acesso em: 26 mai., 2024.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

REVOREDO, Mariana; SOUZA, Renata Junqueira. **Família e escola:** em busca da formação do leitor. Anais IICILLIJ, 2010.

SANTIL, Daiane. “Vamos fazer mágica?”: reflexões sobre a brincadeira de papéis, o ensino e a literatura na educação infantil a partir de um breve relato de experiência.

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.15290902 e-ISSN: 2177-8183

Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, v. 13, n. 32, 2023. Disponível em: https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/2429 Acesso em: 2 nov., 2024.

SANTOS, Beatriz Andreotti; ALMEIDA, Carlos Cândido. Percalços na educação crítica: o potencial da biblioteca escolar. **Informação & Informação**, v. 26, n. 3, p. 27-49, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n3p27 Acesso em: 20 mai., 2024

SCHEFFER, Ana Maria Moraes; OLIVEIRA, Márcia Mariana Santos. A biblioteca escolar e a literatura: reflexões sobre a formação de leitores em um curso de extensão. **CEA/UFMG XII Jogo do Livro: Anais**, 2017. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/xii-jogo-do-livro-anais.html Acesso em: 20 mai., 2024.

TEIXEIRA, Andréa Vicente da Silva. **A importância do uso da biblioteca como espaço de incentivo à leitura nas séries iniciais do ensino fundamental.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Itapina, Licenciatura em Pedagogia, 2023.Disponível em: https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/3123 Acesso em: 22 mai., 2024

VASCONCELLOS, Aparecida Jacobino Monteiro de; ALBRECHT, Ana Rosa Massolini. **A neurociência explicando o comportamento do cérebro na aprendizagem**. São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/751/ANEURO~1.PDF Acesso em: 31 mai., 2024.